Exercício para Recuperação

Transcrição semidiplomática de manuscrito português do século XVI:
"Livro da Fábrica das Naus", Fernão de Oliveira, 1580 (*Capítulo I*)

1. Ficha Bibliográfica

Biblioteca Nacional de Lisboa:

OLIVEIRA, Fernão de, 1507-ca. 1581 Livro da fabrica das naos [Manuscrito] / composto de novo pello Licenciado Fernando Oliveyra, [ca 1580]. - [3] f., [164] p., enc. : il. ; 31 cm. -

Fernão de Oliveira foi piloto de galés, na década de 1540, ao serviço de Francisco I, e cartógrafo. Revelou grande diversidade de interesses, dedicando-se profundamente ao estudo de matérias tão diversas como a filologia e a gramática portuguesa, a História de Portugal e a teoria da guerra naval. Em vida, veria somente impressas duas obras, a Grammatica da lingoagem portuguesa, de 1536, a primeira obra do género publicada no país, e a Arte da guerra do mar, de 1555. O autor desempenhou ainda algumas funções relevantes de carácter diplomático em Inglaterra. .

Original autógrafo, com correcções, anotações marginais e acrescentos da mesma letra; nas margens, em evidência, encontram-se também expressões e termos relativos à ciência náutica, cuja explicação se desenvolve no texto. - Trata-se do primeiro tratado português de arquitectura naval, e um dos mais antigos conservados quase integralmente. - Em 12 dos 13 fólios descobertos no códice, após o seu restauro, identificaram-se versões primitivas do texto, igualmente autógrafas, e uma dedicatória a D. Sebastião (?), em letra de chancelaria. - Após o restauro do códice, realizado em 1989, na BN, foram descobertos 13 fólios que estavam colados, e aos quais não foi acrescentada nenhuma numeração.

Letra humanística cursiva. - Inclui desenhos à pena de 10 figuras das diversas partes de uma nau. Exceptuando a figura da p. [96], desenhada na parte inferior da mesma, as restantes representações foram desenhadas em fragmentos de diversas dimensões, colados (parcialmente) nas paginas a que se referem (f. 71, 82 v., 93, , 99, f. entre 106 e 107, 107, 112 v., 114 v. , 115). - Encadernação em pergaminho (restaurada). - Pertenceu à livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, apresentando o respectivo carimbo em diversos fólios. Segundo nota manuscrita constante do f. [3 r.], o códice foi oferecido a esta livraria pelo padre mestre José Sanches. Deu entrada na BN depois de 1834, aquando da incorporação dos fundos dos conventos e mosteiros extintos. - Liuro da Fabrica das Naos / Fernando Oliveira ; leitura de Lopes e Mendonça ; trad. Manuel Leitão. Lisboa: Academia de Marinha, 1991.

2. Fac-Simile

OLIVEIRA, Fernão de (1580) . Capítulo I. In Livro da fabrica das naos. Edição Fac-similar digital da Bibilioteca Nacional de Lisboa. <http://purl.pt/6744/1/index.html>. Páginas 7 a 14 da numeração adicionada.

Obs. (1) As páginas 7 a 14 da numeração adicionada correspondem aos seguintes arquivos digitais:

http://purl.pt/6744/1/P17.html
http://purl.pt/6744/1/P18.html
http://purl.pt/6744/1/P19.html
http://purl.pt/6744/1/P20.html
http://purl.pt/6744/1/P21.html
http://purl.pt/6744/1/P22.html
http://purl.pt/6744/1/P23.html
http://purl.pt/6744/1/P24.html
http://purl.pt/6744/1/P25.html
http://purl.pt/6744/1/P26.html

Obs. (2): As imagens das páginas acima estão em um diretório no Moodle de cada turma.
Obs. (3): As páginas estão também reproduzidas a seguir. Para a realização do exercício, entretanto, recomenda-se fortemente a consulta direta ao material disponível na BN Digital, ref. acima.
Obs (4): **As instruções para a realização do exercício são exatamente as mesmas que as utilizadas para a realização da Avaliação II** (transcrição semidiplomática do Prólogo do mesmo livro).

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

¶ Começa o liuro da fabrica das naos, composto
de nouo pello licenciado Fernando oliueyra.

¶ Capitolo premeyro da antiguidade das naos.

Posto que não tenhamos escripturas q disto façao mençao,
como não fazem doutras muitas cousas, que sem duuida
entendemos q forão antigamẽte, todauia esta arte
de fazer naos, a rezão obriga a crer, que he tão anti
ga como a arte da ~~nauegar~~ nauegação, pa que ellas seruem, poys
sem ellas per nenhum modo se pode ~~nauegar~~ nauegar: os ho=
mes sempre nauegarão desdo começo do mundo
como prouamos no prologo da premeyra parte desta
arte em latim: por que desentão lhe foy necessario
passar ryos, & aguoas, que sem nauios ou barcos de
qualquer maneyra q fossem, não podião passar:
& passallos era necessareo, pa irem habitar as terras,
que lhe deos ~~tinha~~ daua pa habitarem. Porem não temos
memoria escripta desta antiguidade das naos, nem
da arte da nauegação: ou por que o diluuio geral
alagou tudo, ou por que os homẽs daquelle tempo
erão descuydados & folgazões, como agora são os do
brasil, & de guinee, & doutras partes, que por descuydo

não sabem ler nem escreuer: ou por que não quis deos
que ficasse memoria algũa de tão maa gente. Pollo
q Salomão dixe. Não ha antre nos memoria do passado,
nem despoys de nos haueraa do que agora passa. Porẽ
hum poeta antigo a que chamão Lucrecio diz, que logo
no começo despoys da distinção dos elementos flore=
cẽo o mar com naos ueleyras, mas que por ser isto tão
uelho não pode o nosso tempo saber o q foy anti=
gamente da nauegação, agricultura, edificios, leys,
& armas, & outras cousas, senão quanto a rezão uay
rastejando. Assy que podemos crer, que o uso das naos
he antiquissimo, & tambem a fabrica dellas per con=
seguinte, posto que não tenhamos escriptura que
disso faça menção. E aos de grecia que dizẽ, alguũs
seus naturaes serem os premeyros inuentores destas
artes, podemos responder, que o serião nas suas terras,
& antre os seus gregos, mas não em todo o mũdo,
nem em todas as nações delle. E mays que co
serem os premeyros em grecia, não serião por isso
muy antigos, por que a ~~[illegible]~~ policia grega foy despoys
do Egypto, & de fenicia, donde elles aprenderão:
& o seu reyno foy o terceyro dos quatro do mundo
mostrados a Daniel: & antes q os gregos soubessem

Ecclesiastes cap. 1.

Lucrecius. lib. 5.

nauegar jaa nauegauão no egypto. Por q̃ os gregos
dizem q̃ os premeyros que antre elles nauegarão
forão os argonautas: dos quaes se glorião parecendo=
lhes q̃ foy muito fazeram em dous annos naue=
gação de dozentas leguas, quando muito. A qual
nauegação tinhão feyta muito antes, & de mays
longe, os do egypto. Finalmente esta arte he mays
antiga do q̃ a fazem as escripturas gregas, nem
latinas: por que os latinos ainda são mays nouos que os
gregos, & dos gregos tomarão a memoria das antiguida=
des. Porem não forão logo no principio as artes perfey=
tas, como acima dixe, nem estas da nauegação, &
fabrica ~~das naus~~ naual: mas pouco & pouco se vão perfey=
cionando: & muito mays onde se mays frequentão,
& usão, como fazem nesta terra. Por que a industria
dos homẽs quanto mays usa das artes, tanto mays
perfeyções lhe acrecenta, requerendoo assy a ne=
cessidade, & ensinãdoo a rezão, & entendimento.

¶ Por que não fique sospensa esta pratica, nem o
caminho aberto pa as ~~imaginações~~ cofusões daquelles q̃
cuydão saber algũa cousa, por que chegarão a ler
as ~~escripturas~~ fabulas gregas: quero lhe responder, & mostrar
como não acertão em cuydar, que todo o saber

~~naueo~~ em grecia. Dizem elles que o seu deos Neptuno foy o
premeyro, q̃ inuentou a arte da nauegação: & ~~eu~~ digo,
~~que~~ asy errão em lhe attribuir a premeyra inuen-
ção desta arte, como a diuindade: por que asy he
falso ~~mentira~~ ser elle o premeyro inuentor de ~~nauegar~~,
como ser deos. Digo q̃ nem elle era deos, nem foy o
premeyro que nauegou, & inuentou nauios pa naue-
gar. E não ser elle o premeyro inuentor disto, consta
das palauras que elle mesmo ~~elle~~ diz na Iliada de Homero: onde
diz, que sempre nauegou pllo mar, nas quaes ~~se encontra~~ & sempre não tem por q̃ sempre
começo: ~~Pois~~ se sempre não tem começo, como diz,
que inuentou o nauegar: por que inuentar he come-
çar de nouo. Mays dizem, q̃ Minerua o ajudou ~~Neptuno~~
inuentar esta arte, & Minerua era sua ~~sobrinha de Nep-~~
~~tuno~~, filha de Iupiter seu irmão, nacida despoys delle,
ou ao menos despoys de sempre: & se nacida despoys
de sempre, como lhe ajudou a inuentar a arte que
elle sempre usou. Senão se entendem, que Minerua
he a sabeduria ~~humana~~, que ensina os entendimentos
dos homẽs como hão de nauegar pllo mar q̃ sempre foy humido
~~foy humido~~ liquido: por que Neptuno. Mas esta interpretação não acaba de es-
cusar a confusão dos gregos, que esqueçidos das suas
historeas dizem q̃ Neptuno foy o premeyro q̃ nauegou:
por que contão que este Neptuno, & seus irmãos forão

naceo em grecia: nem inuentarão os gregos todas as
boas artes: & menos esta da nauegacão, & fabrica das
naos. Escreuẽ os gregos, que o seu deos Neptuno foy
o premeyro que inuentou a arte do nauegar, & fa-
bricar nauios: no que assi errão, como em lhe chamar
deos: por que tão falsa he hũa cousa como a outra.
assi he falso ser elle o premeyro inuẽtor destas
artes, como he ser elle deos. Não ser elle ds, esta
claro, & não tem necessidade de proua: mas não ser in-
uentor destas artes se proua por suas proprias
palauras delle, & escripturas dos seus gregos. Nas
escripturas de Homero diz elle, que sempre na-
uegou pello mar, & o sempre em deos não tem co-
meço: & se não tem começo, como inuentou o que
sempre fez sem ter começo? por que inuentar, he
começar de nouo. Tambem se proua isto por outra
rezão tomada das suas escripturas, que he esta.
Elles escreuem, que Neptuno, & seus irmãos forão
criados na ilha de Creta pellos Ideos naturaes
de Ida, que os lá forão criar escondidos de seus
Creta. imigos: & por que Creta he ilha cercada de mar,

& Ida he hũa serrania da prouincia de Phrigia, que he terra firme, & da terra firme os Ideos não podião passar ao ilha de Creta sem nauios, & naue=gação, & passarão, segundo elles escreuẽ, fica daqui manifesto, que jaa quando se criaua Neptuno hauia nauios & nauegação, que elle não inuentou, nẽ foy o premeyro inuentor delles. Mays costa ainda a cegueyra daquelles homẽs, nisto que agora quero dizer, que faz parecer, que ~~faz~~ cada cem annos fazião hum mundo nouo, & começauão nouos tempos: por que despoys de Neptuno tornarão a dizer, que Argos, aquelle nauio, em que forão os argo=nautas, fora o premeyro, q̃ nauegou pello mar: & o seu carpenteyro fora o premeyro inuentor delle. No que fazẽ parecer, que nem hum, nem outro foy o premeyro: por que não somos obrigados crer mays a hum q̃ outro: & he milhor não crer a nenhũ: nem a outros, que tambem dizẽ por si o mesmo. Hũs dizem que inuentarão esta arte no mar hellesponto os troianos: outros dizem que Danao, trouxe do Egypto a Grecia: & outros dizẽ outras uariedades: mas

Ida.

a sua variedade he argumeto pa não creremos que dizem verdade. Mays he para crer, que o verdadeyro ds quando criou os homẽs lhe deu natureza pa quãdo lhe fosse necessario buscar, & inuẽtar estas & outras artes. E por isso diz Cicero q a natureza racional ensina a buscar as artes necessarias. E cõ o distito natural, que daa pa isso motiuo, o uso descobre muitos segredos, q̃ a natureza das cousas tem em si occultos.

De legibus. libro. 1.

O uso achou, diz Vergilio, tirar das eruas pão: & das pedras fogo. Assi tambem acha cada dia nesta nossa arte muitas perfeyções, que os antigos não alcançarão. Premeyro nauegarão os homẽs com nauios imperfeytos, como ainda alguũs barbaros nauegão com almadias, & canoas: & co estas junto de terra, por que não são ellas para mays. Despoys forão fazendo barcos, & nauios grandes, com que se atreuerão entrar pello mar: porem ainda não tão perfeytos logo no principio como agora. Poucas vezes se lee que os gregos nem latinos nauegassem fora do seu mar mediterraneo, de que somete erão capazes os seus nauios: os nossos agora são ~~[illegible]~~ capazes tam=

Georgicorũ libro. 1.

bem do oceano todo per todo o mũdo, ou mayor parte delle. O qual os nossos marinheyros em nossos dias descobrirão, & os seus nunca conhecerão. Mays louuor se deue nisto aos nossos, q̃ aos gregos, nẽ latinos: por que mays tẽ feito pella nauegação em oytenta annos, do q̃ elles fezerão em dous mil q̃ reynarão. E mays perfeyções tem acrescentado a esta arte, do que elles nunca fezerão. Porẽ nem por isso diremos, q̃ somos nos os premeyros inuẽtores della, como arrogantemẽte elles dixerão. Mas nẽ porq̃ elles o dixessem o cõsentiremos nos: por q̃ em muytas partes do mundo, onde elles nũca forão, nem doutrina sua, achamos nauios, & arte de nauegar: em huas milhor que outras, segundo a policia, ou rudeza dos gẽtes. q̃ nellas morão. Na china, & Iapão achamos nauios ar=rezoados, sem jamays laa ir noticia nem doutrina de gregos, nem do seu Neptuno. Em guinee, & no brasil nunca ouuirão nomear gregos, & sem elles nauegão a seu modo qualquer que seja, que lhe a natureza ensina. Assy que não forão os gregos os premeyros, nem unicos inuentores, & mestres desta arte em todo o mundo. Nem he bem que consintamos antre nos tão grande cegueyra, como he dar credito a suas fabulas, & captiuar nossos entendimẽtos sem quereremos saber mays q̃ o que nos elles ensinão, fazendonos gente noua, & boçal,

feito a policia da espanha mays antiga q a de grecia.
E antes de grecia, nauegauão do espanha pa phenicia:
& passauão pa africa. Porem são dignos de louuor, &
premio, os que ensinão aos pouos as cousas necessa=
reas, & muito mays os que inuentão, & acrecentão,
ou emendão as boas artes. Os quaes diz Aristoteles,
que se não acabão de satisfazer com premio al=
gum humano. E essa era a rezão, por que os gre=
gos lhe dauão louuores, & honras diuinas:

Aristo. lib. 2. de coelo.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

¶ Capitolo segundo, das madeyras conuenientes pa a fabrica das naos:

Pa a fabrica das naos são necessareas duas ma=
neyras de madeyra, hũa dura, & outra branda: por
que tem as naos duas partes de mesteres deferẽtes,
cuja deferẽça o requere assy. Tem liame, & tauo=
ado. O liame ha mester madeyra forte & dura; por
que ha de sostentar todo o peso da nao, & sofrer os
impetos do mar, & dos uentos: mas o tauoado
requere brandura, por que se possa brandir, & ajun=
tar com o liame nos uoltas do costado da nao.
Ensina a natureza isto nos corpos dos animaes
sensitiuos, nos quaes tambem ha duas partes que
parecem responder ao q digo, & dar manifesto exẽpro